

A ONTOLOGIA NEGATIVA DE CIORAN

Henrique Duarte Neto¹

RESUMO:

O presente trabalho tem como intento principal refletir sobre a concepção de *ser* presente no pensamento filosófico cioraniano. Através deste esforço, vai-se buscar caracterizar o pessimismo e a negatividade presentes nesta filosofia, em especial no livro *De l'inconvénient d'être né (Do inconveniente de ter nascido)*, considerada por ele próprio como sua obra magna. A crítica à existência como um espetáculo efêmero e vão, portanto, a todo o ser como malogrado nas suas próprias bases, está em sintonia com o elogio ao não-ser e ao nada. Neste sentido, a entropia, o caos e a morte dominam o universo.

PALAVRAS-CHAVE: Cioran. Ser. Não-ser. Nada. Morte.

ABSTRACT:

The main aim of this paper is to reflect about the conception of being present in the philosophical thinking of Cioraniano. Through this effort, it is intended to characterize the pessimism and the negativity presented in this philosophy, in particular the book *De l'inconvénient d'être né (From the inconvenience of being born)*, in his own consideration, his greatest work. The critic to existence as an ephemeral show and futile, therefore, to all human beings as unsuccessful in its own bases, this is in tune with the compliment to not to be and nothing. In this sense, it is possible to say that confusion, chaos and death dominate the universe.

KEY WORDS: Cioran. To be. Not to be. Nothing. Death.

Não é tarefa das mais singelas caracterizar o pensamento de Emil Michel Cioran (1911-1995) como metafísico, embora em livros como *Le mauvais démiurge (O mau demiurgo)* esta tendência seja reforçada e em toda a obra em geral haja resquícios de que se possa vê-lo como um metafísico extremamente *sui generis*. Neste estudo, não se estará defendendo a presença de um pensamento propriamente metafísico, mas mais precisamente ôntico na obra cioraniana. Nele, de

¹ O autor (Taió-SC) é Bacharel e Licenciado em Filosofia pela UFSC, bem como Mestre e Doutor em Literatura também pela UFSC. Atualmente cursa a graduação em Letras-Português na UNIGRAN. É funcionário público e "melômano amador". E-mail: henriquedn72@bol.com.br

passagem, serão estabelecidos possíveis diálogos entre a referida obra e a de outros autores, filósofos e literatos.

Tomando o ser, todo e qualquer ser, portanto, a vida em geral, o filósofo romeno-francês aponta para a derrocada da existência, principalmente naquela que ele considera, em *Entrevistas com Sylvie Jaudeau* (p. 30), sua obra capital, o livro *De l'inconvénient d'être né* (que veio a lume em 1973). Nesta obra-prima do pessimismo cósmico, Cioran, logo de início, deixa marcada a sua veia ferina contra o espetáculo tragicômico do existir. São suas estas palavras: "S'insurger contre l'héritité c'est s'insuger contre des milliards d'années, contre la *première* cellule." ("Insurgir-se contra a hereditariedade é se insurgir contra os milhões de anos, contra a *primeira* célula." CIORAN, 2002-B, p. 11). Pensador que faz a apologia da renúncia e da indiferença, tal como Arthur Schopenhauer, Calderón de La Barca ou o brasileiro Augusto dos Anjos, considera o nascimento como o maior crime que pode ser engendrado, como verdadeira herança maldita, como uma falta que acompanha a gênese da própria vida. A inconsciência é almejada, visto que a vida não possui objetivo, é vazia de sentido, é, tal como aparece no poeta do *Eu*, um "cósmico zero" (ANJOS, 1996, p. 306, "Mistérios de um fósforo").

Dessa forma, a filosofia de Cioran é atraída pela idéia de morte. Trata-a como um bem, como o que de mais íntimo o homem traz consigo, como está explícito em *Syllogismes de l'amertume (Silogismos da amargura)*: "Avoir dédié à l'idée de la mort toutes les heures qu'un métier aurait réclamées..." ("Dediquei à idéia de morte todas as horas que uma profissão reclama..." CIORAN, 2002-C, p. 55). Para suportá-la é preciso vivê-la plenamente, fulminar o apego à vida. Daí também a familiaridade com a concepção de Nirvana, com a idéia de nada, com a procura pela renúncia, pelo elogio da inação, da abstenção, da indiferença. Em sua visão, a ação, a atividade só piora as coisas, só tonifica o fardo da existência. Mas ao contrário de filósofos como Schopenhauer, Cioran não constrói um sistema, pois "La pire forme de despotisme est le *système*, en philosophie et en tout" ("A pior forma de despotismo é o *sistema*, em filosofia e em tudo." Cioran, 2002-B, p. 140).

Mas apesar de não construir uma filosofia sistemática, construindo um estilo aforismático de escrever (similar ao de certos livros de Nietzsche, que, contudo, provocou-lhe desprezo pela idéia de *super-homem* ou *além-do-homem*), não há como negar que em muitos livros de Cioran há um *motto continuum* que vai se

repetindo à medida que os fragmentos vão sendo descortinados. É o caso de *L'inconvénient d'être né*. Neste opúsculo tudo converge para uma depreciação do ser. Mesmo o êxtase no seu entender não passa de uma quimera, de algo totalmente banal: "Quelle misère qu'une sensation! L'extase elle-même n'est, *peut-être*, rien de plus" (CIORAN, 2002-B, p. 12). Nas palavras de Cioran uma sensação é uma miséria, porque retrata um mundo deficitário, malogrado, vão, e mesmo o êxtase não é nada de mais.

Isto posto, podemos considerar que Cioran constrói em sua obra uma visão ontológica de mundo. Uma ontologia, digamos, bastante diferente da do grande metafísico do século XX, Martin Heidegger. O filósofo alemão constrói sua concepção de ser a partir de um sistema teórico com implicações existenciais, enquanto Cioran a partir de uma abordagem mais direta. Aliás, o grande cético romeno-francês alimentava dura antipatia pela filosofia heideggeriana, a ponto de vislumbrá-la como artificial, espécie de jogo teórico falacioso para enganar as mentes dos filósofos (cf. CIORAN, 2001, p. 14).

Em *De l'inconvénient d'être né*, do pórtico até o fecho do livro, certas ideias são constantemente retomadas. No que concerne à gênese dos seres, implícita ou explicitamente, o desconforto é muitas vezes reafirmado. Diante da sensação de que toda vida, no fundo, parece se resumir a um dispêndio inútil de energia, ele chega, por exemplo, a falar que "Tout est cauchemar" ("Tudo é pesadelo". CIORAN, 2002-B, p. 21). Nesta medida está em similaridade com este brevíssimo aforismo do livro *Écartèlement (Despedaçamentos)*, de 1979, que poderia sintetizar a obra-prima de Cioran: "Exister est un plagiat" ("Existir é um plágio". CIORAN, 1993, p. 78). Na sua visão todos os seres parecem, no fundo, pateticamente, exercerem o mesmo papel diante da farsa, da tragicomédia em que se constitui a vida. Neste sentido, Ricardo Reis é uma voz poética pessoana que pode ser lembrada para se fazer um breve paralelo com o autor romeno-francês. Tal voz lembra muito sua desilusão fundamental. Descrevendo os homens como "Cadáveres adiados que procriam" (PESSOA, 1997, p. 289), não deixa de também apontar este caráter embusteiro da existência: "Perene flui a interminável hora / Que nos confessa nulos. No mesmo hausto / Em que vivemos, morremos. Colhe / O dia, porque és ele." (Ibid., p. 290-291).

Assim, schopenhauerianamente, vislumbra-se um desprezo pelo passado e pelo futuro. O que vale, mas apenas aparentemente, é o presente, esta “interminável hora” em que o ser humano procura ilusões para preencher sua vacuidade, o caráter vão de sua existência. A existência, possuindo um caráter transitório, acidental, é vista assim, tanto na perspectiva deste heterônimo pessoano, quanto na cioraniana como *déficit*, como perda, não como ganho.

Se descontarmos o fato da diferença fundamental de estilo e ao aspecto não sistemático, como já afirmamos, de seu pensamento, há certas características que aproximam a filosofia de Cioran da de Arthur Schopenhauer. A atração pelo pensamento oriental, pela idéia de Nirvana, a busca pelo nada, a ironia amarga como traço de personalidade, são aspectos que não podem ser ignorados. Quando Cioran caracteriza o mundo como uma tragicomédia, é impossível não pensarmos nas palavras do filósofo alemão expressas no livro IV de *O mundo como vontade e representação*: “Dir-se-á que a fatalidade quer, na nossa existência, completar a tortura com o escárnio: ela coloca-lhe todas as dores da tragédia, mas, para não nos deixar ao menos a dignidade da personagem trágica, reduz-nos, nos pormenores da vida, ao papel do bobo.” (SCHOPENHAUER, s/d, p. 426).

A busca do prazer, do bem-estar, enfim, da felicidade, também são vistas por Cioran como algo quimérico, tal como aparece em *O mundo como vontade e representação*. Neste caso, podemos dizer que não há vida sem dor, verdadeira senhora dos destinos. Eis um aforismo cioraniano em que mais uma vez condena-se a sede de viver (para Schopenhauer um desejo cego guiado pela Vontade), analisando-se o conceito de saúde: “Tout ce que nous poursuivons, c’est par besoin de tourment. La quête du salut est elle-même un tourment, le plus subtil et le mieux camouflé de tous.” (“Tudo o que nós perseguimos, é por desejo de tormentos. A procura da saúde é ela mesma um tormento, o mais sutil e o melhor camuflado de todos.” CIORAN, 2002-B, p. 171).

Apesar das diferenças já elencadas aqui, Schopenhauer e Cioran valem-se da tradição oriental para erigir no seio da filosofia ocidental uma ode ao não-ser, ao *nada*. Esta é uma tradição minoritária em filosofia, basta lembrarmos que na Grécia enquanto Heráclito elaborava o jogo dos opostos (“o ser é e não é”), Parmênides, outros fisiólogos, Aristóteles e Platão, mais massivamente a tradição filosófica nos

séculos que se seguiram, rechaçaram o não-ser: como aparência, engodo, contradição, não-realidade.

Henri Bergson, entre o final do século XIX e a primeira metade do século XX, estabeleceu o que se pode chamar de uma filosofia totalmente antípoda as de Schopenhauer e de Cioran. Construiu, verdadeiramente, uma ontologia que se pode chamar de positiva. Sua filosofia representa uma crítica ao racionalismo e intelectualismo arraigado na tradição filosófica e é isso que ela apresenta de mais especial. Todavia, segundo Cioran, ela teria esquecido o elemento trágico da existência (CIORAN, 2001, p. 15). É uma filosofia que caracteriza a vida como está expresso em um dos títulos de seus livros, ou seja, como uma *Evolução criadora*, onde o *elan vital* é responsável pelo desenvolvimento perpétuo de um mundo que não poderia ser melhor do que é. Trata-se de uma filosofia altamente otimista, que nos faz recordar como paralelo apenas a de Gottfried Leibniz. No quarto capítulo de *A evolução criadora*, Bergson nega a existência do nada absoluto, mas mais do que isso, quer negar a existência do não-ser (Cf. BERGSON, 2001, p. 263 e seguintes).

Mas, para Cioran, o nada, o não-ser, acompanha o vivente, e ele reivindica a clarividência, a lucidez, para o homem conhecer o seu destino, ou melhor, sua fatalidade fundamental. São suas palavras no *Breviário de decomposição*: “O homem idealmente lúcido, logo idealmente *normal*, não deveria ter nenhum recurso além do *nada* que está nele...” (CIORAN, 1995, p. 15). O não-ser entranhado no vivente, tal é a sina dos entes para o filósofo romeno-francês. A morte, neste sentido, é o que de mais íntimo se coloca para o ser humano.

A sensação de ser um estrangeiro em relação ao mundo – “Pas un instant où je ne sois extérieur à l’univers!” (“Não há um instante em que eu não seja exterior ao universo!” CIORAN, 2002-B, p. 139) – perpassa a obra daquele que vê a vida como suprema inimiga. Daí a sugestão de um “exercício de uma cotidiana nirvanização” (CIORAN, 1995, p. 31), visto que o real no fundo é irreal, é o somatório de pesadelos terríficos.

A partir do que já foi exposto, podemos dizer que a filosofia cironiana é oposta a toda e qualquer teoria vitalista. Penso, como exemplos, nos vitalismos bergsoniano e nietzschiano. Ambas as filosofias estão marcadas pela aceitação incondicional da vida, embora Nietzsche postule um “novo homem”, que aceite a tragédia da vida, ou seja, que procure traçar seu caminho, criando seus valores e aderindo

completamente à existência (esta realidade tão ampla que, segundo o autor de *Além do bem e do mal*, não pode ser valorada, visto que é o manancial de todos os valores). Enquanto para um dos filósofos vitalistas, Bergson, a existência é o ser e para o outro, Nietzsche, ela possa quiçá ser vista como um jogo entre o ser e o não-ser, tal como para Heráclito, para Cioran ela está ligada à dor e ao sofrimento, conjunção maligna. Na sua visão, a razão de todos os tormentos está circunscrita ao espectro do tempo, ao fato de que somos originados por parte de um nefasto ímpeto vital, este jorro incessante que possui como finalidade o absurdo, o *nonsense*, a ausência de teleologia.

Enquanto para Bergson o elemento propriamente negativo é totalmente rechaçado por um vitalismo *toute force*, em Nietzsche apesar de se aceitar o aspecto trágico da vida o nada é combatido pelo caráter dionisíaco, pela vontade de potência presente nesta filosofia. Já Cioran, assim como Schopenhauer, vai postular um pensamento da negação da vida, da indiferença, da inação, enfim, um pensamento guiado por uma postura niilista.

No caso de Cioran, uma espécie de essência negativa, que pode ser denominada de *Mauvais démiurge*, título de uma de suas obras, constitui-se em fundamento da vida. Assim, ele parece reconsiderar, levar a sério, a idéia que Descartes refuta na Terceira de suas *Meditações metafísicas*, a saber, a do eu (*cogito*) ser iludido por uma espécie de “Deus Enganador” ou “Gênio Maligno”. Ilusão e engodo fazem parte, para Cioran, do próprio caráter essencial da existência. Deste modo, o mal não está apenas presente no desenvolvimento da vida, mas na sua própria gênese, nos princípios que a fomentam, o que é responsável, desta forma, por este “espetáculo infatigável de horrores” em que é representada a existência, verdadeira potencialização do erro, apoteose da danação. Pode-se dizer que para o autor romeno-francês as dores passam, mas o fundamento delas permanece. Daí realmente caminhar para outra direção, em busca de um nada que é o oposto de todo vitalismo.

A derrocada do ser é tão enfatizada em *L'inconvénient d'être né* e em outras obras, que não deixa em alguns casos de ser expressa com a marca da ironia, como neste excerto: “Tout ce qui est engendre, tôt ou tard, le cauchemar. Tâchons donc d'inventer quelque chose de mieux que l'être.” (“Tudo que é engendra, cedo ou

tarde, o pesadelo. Tratemos pois de inventar algo melhor que o ser.” CIORAN, 2002-B, p. 136). Por trás do humor, é visível o elogio ao não-ser.

O fundamento de *L'inconvénient d'être né*, está, além, claro, da crítica a todo e qualquer potencialização da vida, no elogio da inação e do ascetismo. Diz-nos Cioran: “Le renoncement confère un pouvoir infini.” (“A renúncia confere um poder infinito.” CIORAN, 2002-B, p. 44) Neste sentido, há um ascetismo similar ao que ocorre em Schopenhauer. Na p. 517, de *O mundo como vontade e representação*, por exemplo, há a expressão do sentimento benfazejo que toma conta do renunciante: “... também o homem que chegou à negação do querer-viver, por mais miserável, triste, plena de renúncias que a sua condição pareça, também este homem está cheio duma alegria e duma paz celestes.” Tomemos aqui alegria não no sentido de felicidade, algo impossível para Schopenhauer e Cioran, mas muito mais no sentido grego de *ataraxia*, ou seja, de imperturbabilidade do espírito, de bem-aventurança.

Outro tema que é necessário explorarmos na filosofia cioraniana é o de entropia. O conceito de entropia, no seu sentido elementar, está relacionado a variações de temperatura que denotam uma espécie de desorganização, de desordem de um sistema ou de uma substância. Na visada crítica de Cioran, todo o cosmos é marcado pelo signo do caos. As últimas palavras de *Breviário da decomposição* (p. 176) são, a este respeito, iluminadoras: “Por que insurgir-nos ainda contra a simetria deste mundo, quando o próprio Caos não poderia ser outra coisa senão um *sistema* de desordens? Como nosso destino é apodrecer com os continentes e as estrelas, exibiremos, como doentes resignados, e até a conclusão das eras, a curiosidade por um desenlace previsto, medonho e vão.”

Assim, se tudo caminha para o aniquilamento, para a desordem e para o sofrimento, não há como dizer que o homem possui, verdadeiramente, livre-arbítrio. Em *Syllogisme de l'amertume* (cf. p. 38), Cioran considera a liberdade um sofisma. O autor não se acanha pelas conseqüências que tal afirmação pode vir a ter nos diversos campos do saber humano (religião, política, antropologia, história, etc.) e, tal como Schopenhauer, aposta na escravidão humana diante da existência. Nosso mundo é para ele pura entropia, uma variação caótica de paroxismos, como há entre o orgasmo e o desespero: “L'un dure un instant; l'autre, une vie.” (“Um dura um instante; o outro, uma vida.” CIORAN, 2002-A, p. 42). O gozo, a felicidade, o êxtase,

não passam de quimeras, coisas vãs, que se perdem em breves espaços de tempo. Já o desespero, a dor, a agonia, a angústia, a infelicidade perpetuam-se no tempo (duram uma vida), mas no fundo também são vãs, apagam-se no nada.

Para Sanda Stolojan, em artigo sobre Cioran (“Cioran ou le devoir de creauté”. In: *Lectures de Cioran*), o autor ama se apresentar como um extremista, em epítetos brilhantes, inclusive com uma agressividade contra ele próprio (Cf. p. 43). É por isso que Cioran exclama: “Je ne me pardonne pas d’être né.” (“Eu não me perdoo por ter nascido.” CIORAN, 2002-B, p. 22). É por isso que o filósofo entrópico faz em sua obra um elogio da morte, num universo condenado à devastação, ao despedaçamento, é-lhe natural o elogio da inação, da busca do nada e do apagamento.

O homem por possuir consciência dos seus atos e poder meditar sobre o seu destino é, tal como em Schopenhauer, a criatura mais desventurada do planeta. Como diria Augusto dos Anjos: “Raciocinar! Aziaga contingência! / Ser quadrúpede! Andar de quatro pés / É mais do que ser Cristo e ser Moisés / Porque é ser animal sem ter consciência!” (ANJOS. 1996, p. 304, “Mistérios de um fósforo”). Na filosofia entrópica e niilista de Cioran, tal como na poesia de Augusto dos Anjos, não há nada que perdure à desorganização cósmica que é o princípio ativo de toda a vida. Mas só o homem pode estar ciente desta realidade. E aí reside a infelicidade maior deste ser – para Cioran “L’homme est le cancer de la terre” (“O homem é o câncer da terra”. CIORAN, 2002-B, p. 199). Os seres inanimados, os vegetais e demais animais apenas passam, mas o homem tem a ilusão da eternidade, daí quando toma conta da sua precariedade essencial sobrevir-lhe o desespero. Cioran e Augusto dos Anjos sonham com a indiferença bem-aventurada dos seres mais rudimentares, para que o eu possa soçobrar e tornar-se objeto. A inteligência e o intelecto são tratados algumas vezes com desdém. Mas apenas algumas vezes, pois para eles é pela lucidez, pela clarividência das idéias que se chega ao Nirvana.

Como já foi dito, em Cioran tudo é vão, pois os princípios das coisas são falhos. O ser se converte em vassalo do não-ser. A entropia abala todo o sistema cósmico. Afirma o filósofo: “Tout phénomène est une version dégradée d’un autre phénomène plus vaste: le temps, une tare de l’éternité; l’histoire, une tare du temps; la vie, tare encore, de la matière. Qu’est-ce qui est alors normal, qu’est-ce qui est sain? L’éternité? Elle-même n’est qu’une infirmité de Dieu.” (“Todo fenômeno é uma

versão degradada de um outro fenômeno mais vasto: o tempo, uma tara da eternidade; a história, uma tara dos tempos; a vida, tara ainda, da matéria. O que é normal? O que é saudável? A eternidade? Mas ela mesmo não é mais do que uma enfermidade de Deus.” CIORAN, 2002-B p. 144). Neste aforismo está expressa a redução da vida ao aspecto material, não havendo lugar para uma transcendência espiritual, ou seja, não existe a entidade a que denominamos na cultura ocidental de *alma*. A transcendência se dá pela via negativa, pela ode ao não-ser, pela busca do nada, do Nirvana. Além disso, Deus é utilizado como um eufemismo, visto que é um princípio negativo, engendra a dor e a morte que não acabam enquanto há vida, pois na visada crítica cioraniana onde existe vida, existe sofrimento incessante. Por isso, a eternidade, a renovação constante da vida, é dita uma enfermidade de Deus, que é um princípio entrópico, gerador do caos.

O não-ser é tão valorizado na obra cioraniana que ocorre uma verdadeira transvalorização de valores: o nada é supervalorizado. No início de um de seus últimos livros, *Aveux et Anathèmes (Confissões e Anátemas)*, o filósofo chega a afirmar que o não-ser é um estado “suprêmement positif” (“supremamente positivo”. CIORAN, 2002-A, p. 10). Mais do que supervalorizado, o não-ser, o nada é hiperpotencializado, pois ele se torna positivo diante da negatividade do ser. Se no império da vida, só há entropia, caos, angústia, dor, no da morte há o aniquilamento do sentir, há um afundamento no benfazejo nada. Assim, dito numa frase simplesmente: o não-ser é o que realmente é. Por isso, chamamos de negativa a ontologia de Cioran só na comparação com as ontologias da tradição filosófica ocidental, não na real aceção, em que há uma troca de valores: a existência é negativa, o nada é positivo.

Após tudo que foi dito, podemos postular que Cioran tem do ser uma concepção negativa. Ele é um *vaincu* (vencido), reduzindo-se no fundo ao seu contrário, ao todo poderoso *não-ser*, pela profusão em que a vida cede lugar à morte. Na concepção ontológica cioranaiana o homem é, por extensão, um ser perdente, anômalo, solitário. Onde, como está posto em *Syllogismes de l'amertume*: “Chaque pensée devrait rappeler la ruine d'un sourire.” (Cada pensamento deveria significar a ruína de um sorriso.” CIORAN, 2002-C, p. 29). Todavia, para o bem ou para o mal, é o único ser que pode vislumbrar o martírio do destino dos seres no universo. Destino que, o autor parece deixar transparecer,

pode ser visto como irrelevante. Morte, dor, caos, sofrimento, desespero, angústia e agonia, são sete palavras que podem formar um léxico básico do pensamento pessimista de Cioran, juntando-se ao elogio do nada, do Nirvana, da inação, da busca pela indiferença bem-aventurada, forma-se uma ontologia *sui generis*, uma ontologia negativa ou do *não-ser*.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. (org.) Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. Tradução de Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 2001.

CIORAN, Emil Michel. **Écartèlement**. Paris: Gallimard, 1993.

_____. **Breviário de decomposição**. Tradução de José Thomaz Brum. 2ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

_____. **Cioran – entrevistas com Sylvie Jaudeau**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2001.

_____. **Aveux et anathèmes**. Paris, Gallimard (Arcades), 2002-A.

_____. **De l'inconvénient d'être né**. Paris: Gallimard (Collection Folio Essais), 2002-B.

_____. **Syllogismes de l'amertume**. Paris: Gallimard (Collection Folio Essais), 2002-C.

DESCARTES, René. **Meditações metafísicas**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Coleção “Os Pensadores”).

PESSOA, Fernando. **Obra poética** (org.) Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação**. Tradução de M. F. Sá Correia. Porto: Rés, s/d.

STOLOJAN, Sanda. “Cioran ou le devoir de cruauté”. In: DODILLE, Norbert et LIICEANU, Gabriel. **Lectures de Cioran**. Paris: L’Harmattan, 1997.